



RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO: as imagens dos livros didáticos reforçam ou desconstróem os estereótipos de gênero?

Josiane Peres Gonçalves¹

Luana de Oliveira Rocha²

RESUMO

Este artigo refere-se a um estudo acerca dos estereótipos de gênero, expostos nas imagens dos livros didáticos, utilizados pelo 5º ano do ensino fundamental de uma escola estadual de Mato Grosso do Sul. Teve por objetivo analisar se as imagens desses livros didáticos contribuem para reforçar ou para desconstruir os estereótipos de gênero predominantes na sociedade. A pesquisa documental foi realizada a partir da análise das imagens existentes em três livros didáticos das seguintes áreas: Ciências, História e Geografia. Desses, foram encontradas imagens de homens lavando louça e limpando a casa, de meninas brincando de futebol e skate, além de imagens críticas acerca da sobrecarga de trabalho realizada pelas mulheres ou sobre o trabalho das empregadas domésticas, que somente em 2013 tiveram os seus direitos trabalhistas reconhecidos. Nos três livros didáticos analisados, não foram encontradas imagens que reforçassem claramente os estereótipos de gênero, pois embora tenha sido encontrada a imagem de uma menina brincando de boneca, o texto dizia que ela também brincava de futebol, em outro momento o livro apresentava a imagem de uma menina jogando bola. A partir do estudo realizado foi possível notar que há avanços e tentativas de desconstrução de estereótipos de gênero nas imagens existentes nos livros supracitados. Deste modo, o trabalho de adequar os livros didáticos, a fim de contribuir com a desconstrução dos estereótipos de gênero, é relevante e necessário, em especial por se tratar de um tipo de material que os alunos de escolas públicas mais utilizam cotidianamente em seu processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Estereótipos. Gênero. Representações. Livros didáticos.

GENDER RELATIONS AND EDUCATION:

textbook images strengthen or destruct gender stereotypes?

ABSTRACT

¹ Doutorado em Educação. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí, Naviraí, Mato Grosso do Sul, Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7005-849X> E-mail: josiane.peres@ufms.br

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí, Naviraí, Mato Grosso do Sul, Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6517-4237>. E-mail: lulurocha341@gmail.com



This article refers to a study about gender stereotypes, exposed in the images of textbooks, used by the 5th year of elementary school in a state school in Mato Grosso do Sul. It aimed to analyze whether the images of these textbooks contribute to reinforce or to deconstruct the prevailing gender stereotypes in society. The documental research was carried out from the analysis of existing images in three textbooks in the following areas: Science, History and Geography. Of these, images of men washing dishes and cleaning the house were found, of girls playing soccer and skateboarding, as well as critical images about the work overload performed by women or about the work of domestic workers, who only had their rights in 2013. recognized labor. In the three textbooks analyzed, no images were found that clearly reinforced gender stereotypes, because although the image of a girl playing with dolls was found, the text said that she also played soccer, at another time the book presented the image of a girl playing ball. From the study carried out, it was possible to notice that there are advances and attempts to deconstruct gender stereotypes in the images existing in the aforementioned books. In this way, the work of adapting textbooks, in order to contribute to the deconstruction of gender stereotypes, is relevant and necessary, especially since it is a type of material that public school students use most daily in their process. of learning.

Keywords: Stereotypes. Gender. Representations. Didatic books.

RELACIONES DE GÉNERO Y EDUCACIÓN:

¿las imágenes de los libros de texto refuerzan o destruyen los estereotipos de género?

2

RESUMEN

Este artículo se refiere a un estudio sobre los estereotipos de género, expuestos en las imágenes de los libros de texto, utilizados por el 5° año de la enseñanza fundamental en una escuela pública de Mato Grosso do Sul. Tuvo como objetivo analizar si las imágenes de estos libros de texto contribuyen a reforzar o deconstruir los estereotipos de género predominantes en la sociedad. La investigación documental se realizó a partir del análisis de imágenes existentes en tres libros de texto de las siguientes áreas: Ciencias, Historia y Geografía. De estas, se encontraron imágenes de hombres lavando platos y limpiando la casa, de niñas jugando fútbol y andando en patineta, así como imágenes críticas sobre la sobrecarga de trabajo que realizan las mujeres o sobre el trabajo de las trabajadoras domésticas, quienes recién tuvieron sus derechos en 2013. trabajo reconocido. En los tres libros de texto analizados no se encontraron imágenes que reforzaran claramente los estereotipos de género, pues si bien se encontró la imagen de una niña jugando con muñecas, el texto decía que también jugaba fútbol, en otro momento el libro presentaba la imagen de una niña jugando pelota. Del estudio realizado se pudo notar que existen avances e intentos de deconstrucción de los estereotipos de género en las imágenes existentes en los libros mencionados. De esta manera, el trabajo de adaptación de los libros de texto, con el fin de contribuir a la deconstrucción de los estereotipos de género, se hace relevante y necesario, sobre todo porque es un tipo de material que más utilizan a diario los estudiantes de las escuelas públicas en su proceso de aprendizaje.

Palabras clave: Estereotipos Género. Representaciones. Libros didácticos.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute sobre os estereótipos de gênero predominantes nos livros didáticos do 5º ano de ensino fundamental, distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de uma escola estadual de ensino fundamental da cidade de Naviraí – Mato Grosso do Sul. Acreditamos que discutir e problematizar essas questões são importantes por se tratar de materiais didáticos muito utilizados por alunos de escolas públicas e que podem contribuir para reforçar ou desconstruir os padrões de gênero predominantes na sociedade.

O interesse pelo estudo deste tema surgiu antes mesmo do início da nossa trajetória acadêmica, pois sempre visualizávamos que as questões de gênero são de grande relevância, principalmente pelo viés das relações entre o masculino e o feminino. Afinal, os papéis delimitados a estes gêneros não passam de construções culturais e, por conseguinte, podem ser questionados e desconstruídos sem haver a necessidade de reproduzi-los ao longo dos tempos.

Vale ressaltar que, na maioria das famílias brasileiras, cabe predominantemente à mulher o papel de zelar e cuidar dos filhos, mesmo nos casos em que ela é a provedora do lar. Desde a nossa infância presenciamos a figura paterna exercendo o papel que seria socialmente designado à mulher, assim crescemos e percebemos que muitos padrões impostos pela cultura podem ser quebrados. Nesse caso, consideramos que a escola possui o papel de desnaturalizar e desconstruir estas questões, as quais já estão enraizadas no contexto cultural em que estamos inseridos.

A pesquisa teve como objetivo analisar se as imagens dos livros didáticos contribuem para reforçar ou para desconstruir os estereótipos de gênero predominantes na sociedade. A metodologia utilizada caracteriza-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, apoiada nos materiais didáticos das editoras Moderna e Saraiva, escritos e organizados por homens e mulheres. Para a realização da pesquisa foram selecionados três livros do 5º ano do ensino fundamental, das áreas de Ciências (YAMAMOTO, 2017), História (ALVES; OLIVEIRA, 2017) e Geografia (LUCCI; BRANCO, 2017).



O texto encontra-se assim organizado: após a introdução apresentamos o referencial teórico, com análises acerca das relações de gênero na sociedade e na área da educação; em seguida descrevemos a metodologia, com as etapas para a realização da pesquisa; posteriormente destacamos os resultados do estudo, caracterizados por imagens recortadas dos três livros didáticos, cujas análises foram amparadas por pesquisas sobre as temáticas abordadas; terminamos com as considerações finais, seguidas pelas referências utilizadas na realização da pesquisa.

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE

As relações de gênero sempre existiram na sociedade, mas os estudos sobre a temática são considerados recentes. Uma das pesquisadoras expoentes nesta área é Simone de Beauvoir, que em sua obra intitulada *Segundo Sexo*, publicada em 1949, afirma: “Não se nasce mulher: torna-se” (BEAUVOIR, 1967, p. 9). Desse modo, para tornar-se mulher a pessoa passa por inúmeros processos, os quais envolvem parâmetros domésticos e enfrentamentos aos estereótipos impostos pela sociedade. Ou seja, não são os aspectos biológicos que determinam o ser homem ou ser mulher, mas sim os fatores sociais que irão nos constituir.

Louro (2007, p. 17) analisa a contribuição dos estudos de Simone de Beauvoir por entender que a autora conseguiu “sacudir a poeira” dos meios intelectuais e “[...] fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura”. Nesse sentido, ao refletir sobre as relações de gênero, Scott (1998) considera que:

Gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar; ela é, antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus deferentes contextos históricos (SCOTT, 1998, p. 15).



Evidencia-se que o sexo se refere às diferenças biológicas de homens e mulheres, enquanto que gênero é um construto social relacionado à forma como historicamente os grupos sociais foram criando e efetivando os padrões de comportamentos para ambos os sexos. Para Varikas (2016), o gênero é entendido como um princípio de ordem, o qual se estabelece a partir da divisão social de atividades e funções diferenciadas, ou seja, trata-se de uma forma de entender o mundo pela ótica da diferença entre os sexos.

De acordo com Colling (2004), gênero é um termo que surgiu para teorizar as questões da diferença sexual, questionando os papéis sociais destinados às mulheres e aos homens. A categoria de gênero não se constitui numa diferença universal, mas permite entender a construção e a organização social.

Ao analisar os papéis sociais de gênero, Gonçalves (2009, p. 27) destaca que “[...] eles se manifestam através das expectativas sobre o comportamento masculino ou feminino e vão se configurando durante o desenvolvimento das crianças, conforme o desejável para um homem ou para uma mulher”. Dessa forma, tanto os estereótipos quanto os papéis das expectativas sociais são os que exercerão influência na formação das características psicológicas dos indivíduos e não somente os traços inatos de cada sexo. Quanto aos estereótipos de gênero, é possível afirmar que:

Os estereótipos são um conjunto de crenças estruturadas sobre as características dos membros de um determinado grupo. E os estereótipos de gênero definem-se como o conjunto de crenças sobre o que significa ser mulher ou homem incluindo informação sobre a aparência física, atitudes e interesses, traços psicológicos, relações sociais e atividades profissionais (SALES-OLIVEIRA; VILLAS-BOAS; LAS-HERAS, 2016, p. 25).

As autoras acrescentam que os estereótipos de gênero fazem referência tanto as características vistas socialmente como adequadas, quanto aquelas que são consideradas não adequadas ou proibidas para cada sexo, ou seja, como os homens e as mulheres devem ser e como devem se comportar, e ainda como ambos não devem ser ou não devem



se comportar em determinados contextos sociais. Tratam-se, portanto, de construções históricas e culturais e “[...] se foi construído, pode ser desconstruído” (SOUZA; SOUZA, 2020, p. 123).

Esse processo de desconstrução é um dos pressupostos do pós-estruturalismo que, além de rejeitar uma concepção essencialista de ser humano, busca desconstruir a percepção de sujeito centrado em determinadas relações estruturais. Para Derrida (2003), o processo de desconstrução implica na inversão da hierarquia em uma determinada cadeia de substituições, ou de determinado contexto sociocultural.

Por conseguinte, as supostas verdades ou mesmo os estereótipos que existem na sociedade, no que tange às relações de gênero, podem ser reforçadas por meio das diversas formas de linguagens, inclusive de imagens de livros didáticos, mas também podem ser desconstruídas, com base na perspectiva pós-estruturalista. Conforme Casali e Gonçalves (2018, p. 87), “[...] o pós-estruturalismo visa conhecer, questionar, desconstruir e criar uma nova possibilidade de mundo e de existência”. No caso dos livros didáticos, os conteúdos e, sobretudo, as imagens podem contribuir para a desconstrução dos estereótipos binários que resultam em desigualdade de condições e de oportunidades para homens e mulheres.

Ao refletir sobre o binarismo, feminino e masculino, Nicholson (2000) enfatiza que o marco teórico binário permitiu que fossem enfatizadas as profundas diferenças predominantes nas experiências culturais de homens e mulheres. Alerta, ainda, sobre a existência da dinamicidade predominante nas relações de gênero que se alteram de acordo com o contexto histórico e cultural em que as pessoas encontram-se inseridas. A autora enfatiza:

[...] como o pensamento binário não é completamente estático nem permite uma perfeita articulação entre experiências masculinas e femininas e corpos masculinos e femininos, empregá-lo em nossas análises pode resultar em sérios problemas. O marco binário também não consegue captar o nível de desvio das normas do gênero que existe em muitas de nós, **reforçando tanto estereótipos culturais em relação ao significado das experiências masculinas e femininas bem como atuando politicamente na supressão de maneiras de ser** quer desafiamos dualismos do gênero (NICHOLSON, 2000, p. 9, grifo nosso).



Quando se trata das relações desiguais de gênero, é importante que se busque a supressão ou superação dos estereótipos, a fim de que seja possível construir novas possibilidades de mundo e de existência para o ser humano, independentemente do seu gênero.

Entretanto, não é esta condição de igualdade de condições que predomina na sociedade, visto que as relações entre os gêneros feminino e masculino estão diretamente ligadas às lutas travadas pelas mulheres, seja na luta ao direito do voto, a igualdade de remuneração pelo mesmo trabalho desempenhado e a independência diante da dominação exercida pelos homens em todas as esferas (VIANNA, 2014).

Para Tolfo (2019), homens e mulheres foram colocados em locais distintos quando se trata de direitos, pois os homens sempre obtiveram mais privilégios, e grande parte destes direitos é assegurado em maior escala aos homens brancos, heterossexuais e de classe média. E, tendo em vista que os papéis sociais são construídos baseados no gênero dos indivíduos, em pessoas como: mulheres, homossexuais, transexuais e demais grupos considerados minoritários, a incidência é de que eles ficam à margem do processo obtendo menos visibilidade e representação.

É inegável que a luta das mulheres e demais grupos representados em menores escalas é constante, visto que em muitos locais existem o domínio do sexo masculino, como, por exemplo: nos cargos políticos, chefia de grandes empresas, cargos de gestores, entre outros (CORREA-SILVA; GONÇALVES, 2020). No entanto, a visibilidade adquirida pelos grupos minoritários, com o passar dos anos, é de grande relevância, pois serve como referência para encorajar outras gerações na busca por seus direitos e novas possibilidade de inserção nos espaços sociais.

GÊNERO E EDUCAÇÃO

Pouco se ouve a respeito de gênero em sala de aula, o assunto ainda se apresenta como um tabu a ser discutido e os professores muitas vezes se mostram resistentes, seja pelos preconceitos construídos, pelas concepções pessoais ou pela falta de conhecimento. De acordo com Saito e Leal (2000),



no ambiente escolar as discussões acerca desta temática se apresentam bastante tímidas e muitas vezes se restringem à aspectos biológicos, apesar de gênero ser um tema que pode e deve ser trabalhado em todas as disciplinas, sempre de acordo com as especificidades de cada uma. Um exemplo importante a ser discutido é sobre o papel da mulher na sociedade, as conquistas femininas e a equidade de gênero que deveria predominar na sociedade. Cabe destacar que:

[...] a equidade de gênero se refere não a toda diferença, mas a diferenças que são consideradas injustas, ou seja, a identificação de iniquidades está baseada em valores que tornam desiguais homens e mulheres em termos de importância social. Trata-se, nesse sentido, de lidar com diferenças que, em sendo distinções de sujeitos, valem o mesmo enquanto sujeito ético e de direitos para a sociedade (COUTO; GOMES, 2012, p. 2572).

Levar as discussões de gênero para a sala de aula pode ser difícil, pois nem mesmo os professores costumam se sentir preparados para trabalhar este tema tão cheio de tabus. Por mais que esta temática se apresente difícil de ser abordada, é necessário fazê-la. Pois, os estudantes se encontram em processo de formação cidadã, e um dos princípios trabalhados pelo estudo de gênero é o respeito entre todos os indivíduos.

De acordo com Furlani (2008), o conceito de gênero estudado no processo de educação sexual compreende alguns aspectos, a saber: a) estudos ligados à homens e mulheres e masculinidade e feminilidade; b) não se levará em conta o determinismo biológico, e entenderá que existem: “sexos”, “raças”, “etnias”; c) é preciso abandonar os “papéis sexuais”, pré-determinados socialmente; d) sempre que oportuno se discutirá que a dualidade das relações entre homens e mulheres, sem levar em consideração os outros indivíduos e suas relações, é excludente; e) também se discutirá o determinismo biológico e suas explicações para a formação social; f) compreende-se que os indivíduos e suas experiências sociais são consideradas de acordo com o meio em que vivem; g) compreende que o movimento feminista foi ímpar no entendimento dos papéis sociais e discussão acerca de gênero.



Assim como ocorre com o tema inerente, como: à sexualidade humana, as relações de gênero e seus desdobramentos devem ser levados à escola como um tema transversal, ou seja, trabalhado em várias disciplinas para que se possibilite levantar diferentes problematizações e debates para que os estudantes tenham a dimensão da importância deste tema em sala de aula, promovendo o respeito às diferenças e empatia pelas mais variadas causas.

Quando a temática de gênero for trabalhada na escola, os docentes precisam salientar que gênero e sexo são termos diferentes e que muitas vezes são confundidos. Deste modo, cabe ressaltar que gênero está ligado às características pertencentes aos indivíduos independente do sexo, e este por sua vez se destina àquele que corresponde às características biológicas. A evolução destes termos deu-se com a visibilidade que movimentos sociais, os quais representam variados gêneros, ganharam voz e lutaram e lutam até hoje por reconhecimento (LOURO, 2007).

Uma das problemáticas que envolve a ausência de discussões das relações de gênero, no âmbito escolar, diz respeito ao déficit dos cursos de formação de professores nesta área. A maioria não teve, em seu processo de formação inicial e continuada, acesso a esse tipo de conteúdo e então o que os profissionais da educação entendem por gênero é fruto das construções sociais que são difundidas em diversas instituições. Para Figueiredo (2009) tanto a família, quanto o Estado, a religião e a escola têm papel de instituições socializadoras de caráter educativo, mas elas são, na maioria das vezes, negligentes e contribuem para a manutenção da desigualdade de gênero.

Outro problema existente nas escolas é que, em geral, os livros didáticos utilizados reforçam e reproduzem estereótipos de gênero que deveriam ser desconstruídos. Ao analisar alguns livros de educação física, González-Palomares, Altmann e Rey-Cao (2015), constataram que:

As imagens presentes nos livros didáticos do Brasil reproduzem parcialmente os padrões hegemônicos que vinculam o tipo de prática corporal ao gênero. Transmite-se uma masculinidade



hegemônica associada aos esportes, tanto coletivos como individuais, enquanto a feminidade se vincula às atividades de fitness e condicionamento físico (GONZÁLEZ-PALOMARES; ALTMANN; REY-CAO, 2015, p. 229-230).

Ao realizar um estudo bibliográfico, com o objetivo de entender como as identidades de gênero estão sendo abordadas em livros didáticos, Araujo e Ferreira (2018, p. 132) constataram que “[...] a figura feminina ainda está sendo representada no livro didático sob um estereótipo de mulher dona de casa e mãe, que tem pouco tempo para o lazer, pois está muito ocupada com os serviços domésticos e os (as) filhos (as)”.

Souza e Feitosa (2018, p. 1) chegaram a resultados semelhantes, ao realizarem uma pesquisa que objetivou “analisar cinco livros didáticos de História do 6º ano do Ensino Fundamental II, integrantes das quatorze coleções aprovadas do PNLD de 2017, que tratam de mulheres em variadas sociedades da Antiguidade”. As autoras concluíram que “[...] o papel feminino de procriadora e cuidadora do lar é o aspecto mais explorado pelo material, o que acaba por reforçar tal estereótipo de gênero ao invés de propiciar o seu questionamento” (SOUZA; FEITOSA 2018, p. 20).

O estudo sobre os livros didáticos se faz necessário, porque, conforme aponta Lajolo (1996), este material possui um poder quase decisivo em relação ao que é estudado pelos alunos, pois os recursos educacionais são escassos e esses livros são, na maioria das vezes, os principais recursos utilizados pelos professores para ensinar os estudantes de escolas públicas. Se em 1996 o livro didático era muito utilizado nas escolas, duas décadas e meia depois, no ano de 2021, essa realidade continua muito presente, pois mesmo havendo o avanço tecnológico, as escolas públicas continuam a utilizá-lo com muita frequência como instrumento de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, tendo em vista a grande utilização dos livros didáticos em escolas públicas, os quais são escolhidos pelos próprios professores, é interessante analisar como as relações de gênero estão representadas em suas imagens, a fim de verificar se elas reforçam ou desconstruem os estereótipos de gênero construídos socialmente.



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste trabalho foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa e documental, por meio da análise de três livros didáticos do 5º ano do ensino fundamental, distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e escolhidos pelos professores de uma escola estadual localizada no município de Naviraí MS, para serem utilizados nos anos de 2019 à 2022.

Segundo Godoy (1995, p. 21), o “[...] exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental”. Quanto a utilização de livros didáticos para pesquisa científica, Oliveira e Pereira (2017), destacam que:

[...] o princípio da pesquisa documental em livros didáticos baseia-se na identificação de informações que podem dar subsídio à problematização inicial do trabalho, assim como para as/os autoras/es trazidas/os à cena teórica, além de oferecer possíveis respostas às buscas empreendidas aqui (OLIVEIRA; PEREIRA 2017, p. 561).

A análise dos livros didáticos pode ser realizada de diversas formas: com ênfase para os textos, as atividades, as imagens etc. Para esta pesquisa foi feita a opção por priorizar as imagens de três livros didáticos, a fim de verificar se elas contribuem para reforçar ou para desconstruir os estereótipos de gênero predominantes na sociedade. Os três livros do 5º ano do ensino fundamental selecionados para análise são das seguintes áreas:

- Ciências: escrito por Ana Carolina de Almeida Yamamoto, Editora Moderna, 2017.
- História: escrito por Alexandre Alves e Letícia Fagundes de Oliveira, Editora Saraiva, 2017.
- Geografia: escrito por Elian Alabi Lucci e Anselmo Lazaro Branco, Editora Saraiva, 2017.

No que tange ao gênero dos autores, dos três livros selecionados, é possível notar que o livro didático de Ciências foi escrito por uma mulher, o



de História foi escrito por um homem e uma mulher e o livro de Geografia foi escrito por dois homens.

Para a seleção das figuras, inicialmente foi feita uma análise geral das imagens que incluíam pessoas, para então identificar se havia alguma relação com os estereótipos de gênero. Em seguida, as imagens que mais se adequavam ao critério mencionado foram recortadas para então serem analisadas com base em autores que discutem sobre as questões de gênero. Assim, as etapas que configuraram o estudo foram:

1ª etapa: Levantamento bibliográfico de materiais que tratem do tema, como livros, teses, dissertações, documentos oficiais, artigos científicos entre outros.

2ª etapa: Seleção dos livros didáticos do 5º ano do ensino fundamental e escolha dos livros de Ciências, História e Geografia, por terem mais imagens que apresentavam relações com as questões de gênero.

3ª etapa: Seleção e recorte das imagens dos três livros didáticos, para então serem analisadas no tópico correspondente aos resultados e discussão da pesquisa, conforme apresentado na sequência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para embasar a análise dos materiais didáticos consideramos que estas são os primeiros recursos utilizados pelos estudantes para seu aprendizado, visto que isso se dá pelo contato que eles têm com as imagens desde o início de suas vidas escolares. É importante ter ciência de que as fontes visuais também fazem parte significativa do universo de aprendizagem dos estudantes. Dessa forma, por meio da análise dos livros didáticos utilizados pelas crianças que frequentam o 5º ano do ensino fundamental, partimos do princípio de que:

As imagens visuais - ou as chamadas 'ilustrações'- presentes nos manuais didáticos têm sido lidas de diferentes maneiras, historicamente datadas, na relação direta com diferentes práticas pedagógicas e culturais. Contudo, de uma maneira geral, hoje as iconografias dos livros didáticos aparecem associadas a um texto escrito que procura criar uma afirmação verbal identificadora da informação não verbal (BUENO, 2011, p. 68).

As informações não verbais estão muito presentes nos livros didáticos, por ser uma forma de fazer com que os alunos entendam melhor os conteúdos. Porém, no que tange às relações de gênero, as imagens podem influenciar no sentido de reforçar ou desnaturalizar alguns estereótipos de gênero predominantes em determinados contextos culturais. Como é o caso do livro de Ciências do 5º ano do ensino fundamental (YAMAMOTO, 2017), que ao abordar a temática relativa ao uso da água apresenta a imagem de um menino limpando a casa (FIGURA 1), e de um homem lavando a louça (FIGURA 2).

FIGURA 1 – Menino limpando a casa



Fonte: Yamamoto (2017, p. 74).

FIGURA 2 – Homem lavando a louça



Fonte: Yamamoto (2017, p. 74).



Após analisar as Figuras 1 e 2, é possível afirmar que elas contribuem para desconstruir os estereótipos de gênero, visto que tanto o menino, quanto o homem estão realizando atividades domésticas que historicamente foram desempenhadas por mulheres. Estes tipos de imagens são relevantes porque, na escola, as crianças podem aprender que limpar a casa e lavar a louça são tarefas que devem ser desempenhadas por qualquer pessoa, independentemente do gênero, e não somente pelas representantes do gênero feminino. Ademais, as imagens utilizadas nos livros didáticos são componentes indispensáveis dos textos verbais, pois elas servem como um complemento do texto escrito. Segundo Moreira (2018, p. 192), “[...] a ilustração contribui para um melhor desempenho em compreensão em todas as fases do processo” de aprendizagem.

Em uma imagem do livro de Geografia (LUCCI; BRANCO, 2017), o conteúdo abordado era sobre o trabalho no Brasil, mais especificamente sobre algumas das inúmeras profissões existentes no país. Em seguida, o texto problematiza a questão dos trabalhos exercidos pela mulher e a imagem ilustrativa é de um cartum com a frase “O trabalho doméstico” (FIGURA 3). Trata-se de uma crítica acerca das questões de gênero, visto que a imagem retrata uma mulher que se equilibra em um trapézio para desempenhar diversas atividades simultaneamente, como, por exemplo: cozinhar, trabalhar no computador e cuidar de uma criança pequena.

FIGURA 3 – O trabalho doméstico



Fonte: Lucci e Branco (2017, p. 102).



A crítica da Figura 3 está relacionada com a sobrecarga de trabalho que recai sobre as mulheres que mesmo tendo formação acadêmica e carreira profissional, costumam ser a principal responsável pelas atividades domésticas e pelo cuidado e educação de crianças. Nesse sentido, Madalozzo, Martins e Shiratori (2010, p. 551), destacam que “[...] mesmo quando as mulheres ultrapassaram a barreira da aceitação social e atuam no mercado de trabalho fora de casa, ainda assim mantêm seu papel de ‘dona de casa’, desempenhando as tarefas domésticas”. Os autores também ressaltam que:

A participação dos homens no trabalho doméstico aumentou nos últimos 50 anos, mas é bem inferior a das mulheres e, para bases de dados mais aprofundadas na questão das características do trabalho efetivamente realizado dentro das residências, também se descobre que as tarefas mais ‘nobres’ do trabalho doméstico são relegadas aos homens (MADALOZZO; MARTINS; SHIRATORI, 2010, p. 551).

Historicamente coube às mulheres desempenhar o trabalho doméstico, geralmente de maneira voluntária, sem remuneração, o que foi tão naturalizado. Embora, as pessoas não consigam perceber que, na realidade, trata-se da exploração do trabalho feminino, visto que não há uma divisão igualitária, ainda mais considerando que essas mulheres também trabalham fora de casa, em diferentes funções. Para Madalozzo; Martins e Shiratori (2010, p. 551), “A responsabilização da afetividade e do trabalho não remunerado para as mulheres se traduz na perpetuação das desigualdades de tratamento entre os gêneros”, logo, é necessário desnaturalizar essa ideia de que cabe somente às mulheres desempenharem as funções domésticas.

O trabalho doméstico mesmo que remunerado, no Brasil, historicamente foi realizado por mulheres pobres, sobretudo negras, de forma precária, com baixos salários e sem garantia de direitos trabalhistas. Dito isso, vemos no livro didático de História a imagem de uma mulher que prepara o alimento. A análise inicial era de que o livro estava reforçando estereótipos

de gênero, isso por colocar justamente uma mulher realizando esta atividade, conforme pode ser evidenciado na Figura 4.

FIGURA 4 – O trabalho doméstico



Fonte: Alves e Oliveira (2017, p. 103).

Entretanto, a figura supracitada foi utilizada para explicar que em “2013 trabalhadoras domésticas conquistam os direitos definidos na CLT”, ou seja, pela Consolidação das Leis do Trabalho. O conteúdo abordado intitula-se “Os trabalhadores conquistam direitos” (ALVES; OLIVEIRA, 2017, p. 103), e, entre os direitos obtidos está o dessas funcionárias, evidenciando que a utilização da imagem não foi para reforçar estereótipos de gênero e sim para mostrar que se tratava de uma legislação voltada para as mulheres.

Aparentemente, a imagem é de uma mulher branca, o que não corresponde com a realidade brasileira, pois, conforme Pinheiro (2019), havia um total de 6,2 milhões de trabalhadores domésticos no país, dentre os quais 5,7 milhões eram mulheres e 3,9 milhões eram negras. A imagem, no entanto, corresponde ao que foi encontrado por Silva (2011, p. 53), em livros didáticos, em que aparecia a imagem de mulheres brancas desempenhando a função de cozinheiras, evidenciando que “O papel da cozinheira, antes atribuído apenas à mulher negra, está diversificando entre as mulheres de outras raças/etnias”.

É interessante notar que as outras imagens, já analisadas neste texto, não são reais e sim figuras que retratam a realidade. No caso da Figura 4 foi utilizada uma foto para reforçar que, de fato, trata-se de uma situação real no Brasil, a precariedade do trabalho doméstico. Esse tipo de trabalho recai predominantemente sobre as mulheres, e somente em 2013, por meio do Projeto de Lei 224, é que elas passaram a ter alguns direitos trabalhistas garantidos, embora nem sempre tais direitos sejam respeitados.

Algumas imagens encontradas nos livros didáticos referem-se aos brinquedos ou brincadeiras, que em nossa cultura costumam ser diferentes de acordo com o gênero da criança. O livro de Geografia apresenta uma menina brincando de boneca, conforme a Figura 5.

FIGURA 5 – Menina brincando de boneca



Fonte: Lucci e Branco (2017, p. 21).

A imagem em si reforça um dos fortes estereótipos de gênero, de que a menina é que deve brincar de bonecas, já aprendendo a maternar desde pequena, enquanto os meninos não brincam de serem pais das bonecas ou bonecos. Logo, a Figura 5 reforça o estereótipo uma vez que expressa diretamente uma brincadeira voltada para as meninas, em nosso contexto cultural.



No entanto, juntamente com esta imagem há a seguinte explicação no livro didático: “Mariana gosta muito de brincar com os amigos: de pega-pega, esconde-esconde, de futebol (LUCCI; BRANCO, 2017, p. 21).

Ou seja, esta mesma menina, que é representada brincando de boneca também brinca de futebol. O livro didático de Geografia, em outro momento, apresenta a imagem de uma menina jogando bola, como pode ser observado na Figura 6.

FIGURA 6 – Menina jogando futebol



Fonte: Lucci e Branco (2017, p. 105).

Ao analisar alguns esportes, que em nossa cultura são vistos como masculinos, Franzini (2005, p. 316) enfatiza que: “A virilidade virtuosa do esporte é frequentemente ressaltada pela sentença ‘futebol é coisa para macho’ (ou, em uma versão pouco menos rude, ‘coisa para homem’), bem como em tiradas jocosas reveladoras de vivo preconceito”. Mesmo sabendo que o futebol é um esporte cada vez mais praticado por mulheres, ainda existem muitos preconceitos e desigualdades sofridas pelo gênero feminino, pois os privilégios e remuneração elevada nesse esporte são destinadas apenas aos atletas do gênero masculino.

O livro didático de História, ao abordar a temática cidadania, inclui a análise dos direitos da criança e dos adolescentes, com base na Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, conhecida como ECA, ou Estatuto da Criança e

Adolescência. No Art. 16 da referida lei consta que é direito de toda criança “[...] brincar, praticar esportes e divertir-se” (BRASIL, 1990). Em nenhum momento o ECA diferencia as brincadeiras e atividades esportivas de acordo com o gênero da criança, pelo contrário, o documento evidencia que ela é livre para brincar com o que quiser. No livro didático mencionado, aparece a imagem de uma menina com skate para ilustrar a temática, conforme a Figura 7.

FIGURA 7 – Menina com skate



Fonte: Alves e Oliveira (2017, p. 148).

A Figura 7 expressa a participação das meninas no esporte e, neste caso, a prática esportiva desempenhada é o skate o que geralmente é associado ao universo masculino, porém o livro didático traz a imagem de uma criança do gênero feminino. Esta forma de representação contribui para desconstruir a ideia de que o skate é um esporte de menino, nesse sentido, Garcia (2018), ressalta que:

[...] a partir das construções que, em cada época, a sociedade faz sobre homens e mulheres, a prática esportiva modifica-se. Isso quer dizer que o esporte está intimamente ligado aos estereótipos do que uma mulher ou um homem podem realizar ou não com seu corpo, além de estipularem para ambos lugares determinados na sociedade (GARCIA, 2018, p. 501).



Nas práticas esportivas, assim como nos espaços sociais, existem os papéis vistos como mais apropriados para homens ou mulheres e o skate costuma ser associado ao gênero masculino, devido aos estereótipos de gênero construídos socialmente. Garcia (2018), ainda analisa que:

Em geral, o feminino foi representado por qualidades como a sensibilidade, a passividade, a submissão, a compreensão, a dependência, a falta de agressividade. O masculino foi relacionado a força, a agressividade, a trabalho, a êxito, a iniciativa. Essas ideias simplificadas da realidade, mas reforçadas cotidianamente, têm repercussões sobre como nos vemos a nós mesmos e aos demais (GARCIA, 2018, p. 501).

Como aparece na Figura 7, a imagem de uma menina com skate faz alusão às últimas Olimpíadas realizadas em Tóquio, em 2021, bem como evidencia a mais jovem atleta brasileira da história dos jogos olímpicos que subiu ao pódio justamente nesta modalidade esportiva. A este respeito, o site da CNN Brasil, em uma reportagem escrita por Paulo Junior (2021), destaca a seguinte manchete: “Rayssa Leal faz história no skate: aos 13 anos, Fadinha é prata nas Olimpíadas”. A medalha de prata da jovem atleta brasileira, assim como as imagens do livro didático de meninas praticando esportes que são vistos socialmente masculinos são exemplos de representatividade que contribui para a superação dos estereótipos de gênero.

Outro aspecto a ser considerado na Figura 7 é a única imagem em que a menina é negra, visto que as ilustrações anteriores eram de pessoas brancas. Nesse caso, é necessário pensar sobre a interseccionalidade entre gênero e raça, pois a realidade vivenciada por mulheres brancas e negras costumam ser muito diferentes, como destaca Gebara e Gomes (2011, p. 122):

É importante analisar sistematicamente as desvantagens das mulheres negras no mercado de trabalho, na escolarização e na sociedade, tanto em comparação com os trabalhadores em geral quanto com as mulheres brancas e os homens negros em particular (GEBARA; GOMES, 2011, p. 122).



A interrelação entre racismo e sexismo evidencia que existem “[...] cargas adicionais às mulheres negras”, pois elas vivenciam “[...] relações sociais complexas, que articulam discriminação racial por parte de mulheres e de homens brancos, e de gênero por parte de homens negros e brancos (CAVALLEIRO, 2022, p. 02). No caso das imagens dos três livros didáticos analisados, apenas uma delas era de uma menina negra enquanto as demais eram de adultos ou crianças brancas.

Ao analisar as imagens em livros didáticos, Oliveira e Pereira (2017, p. 557) consideram que elas podem “[...] conscientemente ou não, propagar/produzir/reproduzir os papéis sociais impostos – contraditoriamente – à mulher e ao homem”. Dessa forma, “[...] as imagens vistas nos livros podem reforçar ou até mesmo criar novos paradigmas para os estudantes, fazendo-o assimilar que existem cenários próprios para homens e mulheres e estes devem se encaixar em padrões impostos socialmente”.

Logo, é importante que as imagens dos livros didáticos não reforcem os padrões de gênero impostos pelos contextos culturais, mas, que, ao contrário, retratem as diversas possibilidades de atividades que as pessoas podem realizar, independentemente do gênero as quais elas pertencem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa, que objetivou analisar se as imagens dos livros didáticos contribuem para reforçar ou para desconstruir os estereótipos de gênero predominantes na sociedade foi possível notar que há avanços e tentativas de desconstrução de estereótipos nas imagens existentes nos livros didáticos de Ciências, História e Geografia utilizados para este estudo.

Durante a investigação foram encontradas imagens de homens lavando louça e limpando a casa, imagens de meninas brincando de futebol e de skate, além de imagens críticas acerca da sobrecarga de trabalho realizada pelas mulheres ou sobre o trabalho das empregadas domésticas, que somente em 2013 tiveram os seus direitos trabalhistas reconhecidos.



Nos três livros didáticos analisados, os quais foram escolhidos pelos próprios professores da escola, não foram encontradas imagens que reforçassem claramente os estereótipos de gênero. Embora tenha sido encontrada a imagem de uma menina brincando de boneca, o texto dizia que ela também brincava de futebol, o que foi ilustrado em outro momento com uma menina praticando o referido esporte.

Deste modo, consideramos que o trabalho de adequar os livros didáticos, a fim de contribuir com a desconstrução dos estereótipos de gênero, é necessário em especial por se tratar de um tipo de material que os alunos de escolas públicas utilizam cotidianamente no seu processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, A.; OLIVEIRA, L. F. **Ligamundo História: 5º ano: ensino fundamental, anos iniciais**. 1. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2017.

ARAÚJO, J. M.; FERREIRA, A. J. Representações de gênero em livros didáticos. **Intersecções**, v. 11, n. 25, p. 126-134, maio, 2018.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. 4ª ed. São Paulo: Difusão Européia, 1967.

BRASIL. Projeto de lei nº 224, de 2013. Dispõe sobre o **Contrato de Trabalho Doméstico**, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2013.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BUENO, J. B. Imagens visuais em livros didáticos de História. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 19, n. 2, p. 68-76, jul./dez. 2012.

CASALI, J. P.; GONÇALVES, J. P. Pós-estruturalismo: algumas considerações sobre esse movimento do pensamento. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão – REDD**, v. 10, n. 2, p. 84-92, 2018.

CAVALLEIRO, E. **O combate ao racismo e ao sexismo como eixos norteadores das políticas de educação**. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/educar/1congresso/042_congresso_eliane_cavalleiro.pdf Acesso em: 10 abr. 2022.



- COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues (Orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.13-38.
- CORREA-SILVA, A. M.; GONÇALVES, J. P. A mulher e a atuação profissional, relações de gênero e divisão sexual do trabalho: uma revisão sistemática em bases de dados nacionais. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 29, n. 2, p. 278-294, 2020.
- COUTO, M. T.; GOMES, R. Homens, saúde e políticas públicas: a equidade de gênero em questão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 10, p. 2569-2578, 2012.
- DERRIDA, J. **A universidade sem condição**. Tradução Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- FIGUEIREDO, V. Gênero, patriarcado, educação e os parâmetros curriculares nacionais. **Espaço Feminino**, São Paulo - SP, v. 21, ed. 1, 2009.
- FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.
- FURLANI, J. Pressupostos teóricos e políticos de uma educação sexual de respeito às diferenças: argumentando a favor de um currículo pós-critico. In: FURLANI, J. (Org.) **Educação sexual na escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito as diferenças**. Florianópolis: UDESC (fundação Universidade do Estado de Santa Catarina), 2008.
- GARCIA, C. C. O gênero e as práticas esportivas das mulheres. Alguns pontos de discussão em psicologia social e do esporte. **Psicologia em Revista**, São Paulo, v. 27, n. especial, p. 497-517, 2018.
- GEBARA, T. A. A; GOMES, N. L. Gênero, família e relações étnicorraciais: um estudo sobre as estratégias elaboradas por mulheres negras e brancas provedoras nas relações que estabelecem com a educação de seus filhos (as). **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana: GEPIADDE, ano 5, v. 10, p. 115-133, jul./dez. 2011.
- GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo – SP, v. 35, n.3, p. 20-29, mai./jun. 1995.
- GONZÁLEZ-PALOMARES, A.; ALTMANN, H.; REY-CAO A. Estereótipos de gênero nas imagens dos livros didáticos de educação física do Brasil **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 219-232, jan./mar. de 2015.



GONÇALVES, J. P. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério.** 2009. 232 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto-Alegre, PUCRS, 2009.

JUNIOR, P. Rayssa Leal faz história no skate: aos 13 anos, Fadinha é prata nas Olimpíadas. **CNN Brasil.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/fadinha-rayssa-leal-faz-historia-e-e-medalha-de-prata-no-skate-nas-olimpiadas/> Acesso em: 07 nov. 2021.

LAJOLO, M. Livro Didático: um (quase) manual de usuário. **Em aberto**, Brasília, v. 16, n. 69, p. 3-9, jan./mar. 1996.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3a ed. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2007, p. 7-34.

LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L. **Ligamundo Geografia: 5º ano: ensino fundamental, anos iniciais.** 1. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2017.

MADALOZZO, R.; MARTINS, S. R.; SHIRATORI, L. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 547-566, maio-ago. 2010.

MOREIRA, C. Letramento Visual e Leitura de Ilustração: Movimentos do Leitor em Formação. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, 2018.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-42, 2000.

OLIVEIRA, M. R. L. G.; PEREIRA, A. L. A (re)produção de estereótipos de gênero em livros didáticos à luz da análise de discurso crítica. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 3, p. 556-573, set./dez. 2017.

PINHEIRO, L.; LIRA, F.; REZENDE, M. T.; FONTOURA, N. O. **Os Desafios do Passado no Trabalho Doméstico do Século XXI:** reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua. Brasília, DF: Ipea, 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35231&Itemid=444. Acesso em: 10 abr. 2022.

SAITO, M. I.; LEAL, M. M. Educação sexual na escola. **Pediatria**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 44-48, jan./mar. 2000.

SALES-OLIVEIRA, C.; VILLAS-BOAS, S.; LAS-HERAS, S. Estereótipos de gênero e sexismo em docentes do ensino superior. **Revista Iberoamericana de Educación Superior (ries)**, México, unamiisue/Universia, v. 7, n. 19, p. 22-41,



2016. Disponível em: <https://ries.universia.net/article/view/1143/estereotiposexismo-em-docentes-do-ensino-superior> Acesso em 21 jul. 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-99, jul./dez. 1998.

SILVA, A. C. **A representação social do negro no livro didático**: o que mudou? Por que mudou? Salvador: EDUFBA, 2011.

SOUZA, M. P.; FEITOSA, L. C. Olhares sobre as mulheres da antiguidade em livros didáticos: (des)construindo estereótipos de gênero? **Revista Hélade**, v. 4, n. 1, p. 1-23, 2018.

SOUZA, E. T.; SOUZA, L. C. G. A construção da identidade masculina na pós-modernidade: novas perspectivas a partir do fraldário masculino. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 116-141, set./dez. 2020.

TOLFO, A. B. A. R. A importância da discussão das questões de gênero no âmbito escolar. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Jaguarão RS, v. 5, ed. especial, p. 1-9, abr. 2019.

VARIKAS, E. **Pensar o sexo e o gênero**. Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas-SP, Editora Unicamp, 2016.

VIANNA, A. R. B. Violência, Estado e Gênero: considerações sobre corpos e corpus entrecruzados. In: SOUZA-LIMA, A. C.; GARCIA-ACOSTA, V. (orgs.). **Margens da violência**: subsídios ao estudo do problema da violência nos contextos mexicanos e brasileiros Brasília, ABA, 2014, p. 209-237.

YAMAMOTO, A. C. A. **Buriti mais**: ciências. 1. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 2017.

Recebido em: 21 de janeiro de 2022.

Aprovado em: 17 de maio de 2022.

Publicado em: 25 de julho de 2022.

